



## Arte e Agroecologia em cena na Troca de Saberes

Glauber Cardoso Guimarães<sup>1</sup>; Caio Chaves<sup>2</sup>; Henrique Geovane Macêdo Costa<sup>3</sup>; Willer Araújo Barbosa<sup>4</sup>

<sup>1</sup> UFV; e-mail - [glaubercguimaraes@gmail.com](mailto:glaubercguimaraes@gmail.com); <sup>2</sup> UFV; e-mail - [olacaiochaves@gmail.com](mailto:olacaiochaves@gmail.com);

<sup>3</sup> Escola Estadual Emílio Jardim; e-mail - [hgeovanine@hotmail.com](mailto:hgeovanine@hotmail.com); <sup>4</sup> UFV; e-mail - [wbarbosa@ufv.br](mailto:wbarbosa@ufv.br)

### Resumo

A Troca de Saberes acontece anualmente desde 2009 e traz para a cena o estudo e a valorização do conhecimento empírico agroecológico vivenciado pelas diferentes comunidades tradicionais e movimentos sociais em diálogo com os educandos da UFV, extensionistas e colaboradores, que integram o Programa Teia e a Assessoria e Observatório dos Movimentos Sociais. Define-se como ação pedagógica que busca aliar de forma sinérgica os saberes do povo e das ciências transformando conhecimento em sabedoria. Objetiva acolher e dialogar, dentro do ambiente universitário, temáticas que envolvem os grupos historicamente marginalizados. Constrói-se, assim, uma “ecologia de saberes” agroecológicos de maneira potencialmente artístico-pedagógica envolvendo diferentes autores e atores sociais que realizam e fomentam sua expressividade através da arte e da diversidade de saberes-fazer. Nesta escrita entrelaçamos fragmentos da trajetória da *ArteEducação* Agroecológica vivenciadas em oito anos da atividade Troca de Saberes, sendo, portanto, um texto ainda inconcluso e aberto aos sujeitos que a co-criam.

**Palavras-chave:** ArteEducação; fazeres e saberes populares; diversidade.

### Potencialização da ArteEducação entre diálogos agroecológicos

A Agroecologia, sistema de geração de modos de vida, transita hoje entre ciência, prática, movimento e cultura. Valoriza os saberes locais, sejam ancestrais e prático-empíricos potencializando socializações desses saberes-fazer através da experiência comum das trocas, intercâmbios e de uma concepção estética a partir do próprio ambiente de convivência. Neste contexto, trazemos para a cena a ideia de Arte-educação Agroecológica como uma linha que tece as criações, os “fazer, refletir e apreciar” da Troca de Saberes. Com isto, tem-se o intuito de fomentar a dimensão estética e lúdica nos espaços educativos, além de fortalecer o auto reconhecimento e identificação dos diversos saberes



e valores culturais locais, regionais e planetários, compreendidos, vivenciados e desenvolvidos como ponto de partida e de chegada nos processos de desenvolvimento das atividades e encontros culturais.

Desde 2009, constrói-se anualmente um espaço, melhor dizendo, uma “cidadela” contra hegemônica, que busca dar visibilidade e voz à agroecologia, no mesmo período em que acontece a Semana do Fazendeiro/Universidade Federal de Viçosa/MG, um evento dedicado ao agronegócio. Nessa cidade-aldeia eleva-se uma grande Instalação Artístico-Pedagógica com a construção de uma aldeia de bambu que se torna o não-lugar da dilatação tempo-espacial e o fio condutor que tece as conversas, danças, cantos, sons e ritmos, alimentos e os encontros. A isso chamamos ArteEducação Agroecológica: uma cidade é criada dentro do campus universitário abrindo-se ao estranhamento próprio da arte. Instalado no espaço institucionalizado se ocupa com um amplo e diverso leque de sujeitos sociais do campo e das periferias urbanas, durante quatro dias. Agricultores e agricultoras familiares vinculad@s ao movimento sindical de trabalhador@s, camponeses sem-terra, comunidades de remanescentes quilombolas e ameríndios, associações de mulheres, artesãs/ãos, jovens de Escolas Família Agrícola, membros de grupos de cultura popular e moradores/as de periferias urbanas, bem como de áreas periurbanas se abrem e se encharcam da dimensão artística presente o tempo todo.

A parceria em rede se realiza a partir do diálogo entre o Programa Teia e a Assessoria de Movimentos Sociais da UFV, o Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA-ZM), o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), as Escolas Famílias Agrícolas e os Sindicatos de Trabalhadores(as) Rurais (STRs), entre outros movimentos sociais e culturais da região, sendo apoiada pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (BARBOSA et all, 2014). A Troca se define “como um instrumento pedagógico que busca unir em ação sinérgica as ciências da informação e os saberes do povo transformando conhecimento em sabedoria” (MANCIO, 2011). Nestes oito anos de Troca de Saberes o evento busca consolidar uma “ecologia de saberes” (SANTOS, 2005) ao ressignificar e reelaborar as tensas relações entre a universidade e a dimensão popular da sociedade. Pretende, e tem conseguido cada vez mais, identificar,



fortalecer e dar visibilidade às referências culturais locais e regionais a partir das experiências agroecológicas, culturais e artístico populares.

No contexto do movimento da agroecologia na Zona da Mata mineira, temos assistido a emergência e a importância da cultura popular através de referências culturais locais e suas expressões artísticas na construção de alternativas viáveis à sociedade de consumo e legitimação dos saberes locais. Os aproximadamente 250 educandos/as do curso de Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Ciências da Natureza e Agroecologia, desde 2014, preenchem e enriquecem os diálogos em troca, ampliando o espaço para o intercâmbio entre os diferentes modos de saber e fazer do campo: Viva a Educação do Campo! A LICENA pede licença! Presença!

### **ArteEducação Agroecológica: fios que tecem a Troca de Saberes**

Para a realização deste intercâmbio entre os diferentes saberes, buscam-se metodologias participativas que trazem para a cena e o palco, no sentido da capacidade e expressividade da própria vida, experiências e relatos significativos que permeiam o contexto social, político e cultural local. Entre as diversas metodologias participativas destacam-se: Instalações Pedagógicas, ressignificadas por Alvim (2013), como Instalações Artístico-Pedagógicas; registro gráfico e relatoria descritiva; Cafés do Mundo; Círculos de Cultura; espaços abertos; místicas culturais para o despertar das diferentes condições de ser *brasileir@* *amerindiafrican@*; apresentações de grupos locais e regionais; performances de grupos artísticos universitários, as atividades de arte infantil da Troquinha, entre outras. Assim, a Troca de Saberes potencializa os diálogos entre e da diversidade de saberes.

Neste sentido, entende-se que trabalhar a partir da ideia de uma ArteEducaçãoAgroecológica, oportuniza outros olhares e sentidos, então, mais abertos, atentos, perceptivos, contemplativos e sensíveis; além de outros modos de saberes que passam pelo corpo como um todo, não apenas como algo inteligível, mas também sensível. A arte aqui é pensada a partir de sua função de rompimento com o convencional e o rotineiro, como já escreveu John Dewey ao falar sobre o poder da arte como espaço



propício para a criação de vínculos (Dewey, ??). E esta é a sua aliança com a educação e a agroecologia, já que ambos também pressupõem vínculos, já que, sem eles, os processos de aprendizagens não acontecem e nem se possibilita uma quebra dos paradigmas estabelecidos pela sociedade capitalista.

Com a ArteEducaçãoAgroecológica abre-se o espaço visível, físico mesmo, e também, invisível, mas tocante para outras *leituras de mundo* (FREIRE, 1989). Todos e todas que ali interagem tornam-se coautores, enfim, todo participante é um ser sempre atuante e pensante de sua própria realidade desde o local, mas até o mais geral e planetário.

Com isso, diferenciamos qualitativamente, a importância de uma proposta que interage com a realidade e expectativas locais, de outras, massivas e maçantes, planejadas como mera transposição cultural de um momento para outro em que o público é tratado como sujeito espectador passivo. Deste modo, potencializa-se o empoderamento de ações que propõem mudanças sociais e ecológicas complexas (GLIESMANN, 2009).

Na Troca de Saberes vemos este ambiente de interações *artístico-ecopedagógicas* agroecológicas se ampliar com a participação em cena de diferentes cenários e personagens cujos “saberes da arte se expressam nas rotas das Trocas”. Aqui destacamos alguns aspectos dinamizadores de uma transformação do *locus* da arte e da cultura populares em seu delicado diálogo com as ciências:

- as experiências com as Instalações Artísticopedagógicas, onde toda a universidade é tomada como uma instalação, onde a Semana do Fazendeiro também o é, onde os laboratórios e outros equipamentos universitários se revestem de uma ambientação de acolhimento de olhares outros que não o dos próprios pares;
- a construção da cidade-aldeia de bambu e a emergência do intercâmbio com os saberes das etnias, raças e comunidades locais (Folias de Reis, o povo Puri em sua ressurgência regional, Quilombolas em suas redes de saberes e acesso a políticas, por exemplo: os grupos culturais Ganga Zumba, Zimbabwe, congos, capoeiras, samba de mão e jongos);
- participação convidada e conseqüente valorização de grupos culturais e artísticos da Zona da Mata mineira;



- atuação como facilitadores e mediadores culturais dos artistas enraizados na cultura dos movimentos sociais, entre eles: Sebastião Farinhada, Zé Pinto, Aracy Cachoeira, Pereira da Viola, Rubinho do Vale e outros), bem como o surgimento grupos e coletivos de artistas que buscam dialogar arte e agroecologia em cena, tais como: Repentistas do Desenho, Micorrizas, Quilombolas de Ouro Verde de Minas (LICENA), Projeto Curupira, Trupe de Arteiros, Diversidade, Grupos de Dança quilombolas e de escolas da região.

Assim, a Troca de Saberes é um espaço que busca democratizar o *fazer artístico* produzido pelos autores sociais da universidade e os sujeitos potencializadores das referências culturais locais, uma vez que reúne a diversidade cultural e, primordialmente, orienta para a troca desses saberes. É um fazer artístico que encontra nesse ambiente de “ecologia de saberes” suas possibilidades de formação educacional, tanto pela própria presença, quanto pela prática das instalações artístico-pedagógicas. Esta é uma maneira de horizontalizar saberes acadêmicos e populares, haja visto que no contexto tradicional extensionista universitário, estes saberes configuram-se como antagônicos e hierarquizados, onde, ao primeiro, se vincula maior importância que ao segundo.

A ideia de Instalações Pedagógicas foi inspirada, nos anos de 1980, nos programas de formação dos trabalhadores da Central Única dos Trabalhadores e suas Escolas Sindicais (ALVES *et al*, 2011). Suas semelhanças com as Instalações Artísticas levaram à mudança de nomenclatura em busca de, com a força das palavras, visibilizar e fortalecer a dimensão estética que envolve todo o evento, aprofundando as interconexões ecológicas, ético-políticas e estéticas em suas necessárias inter-relações. Assim, a partir de 2013, passam a ser nomeadas de “Instalações Artístico-Pedagógicas” e configuram-se na construção, elaboração e ou criação de ambientes, ambiências, cenários e palcos cuja dimensão estética e lúdica propicia as interações e interpretações subjetivas e concretas, individuais e coletivas, dos visitantes. Tal construção utiliza elementos significados pelos facilitadores da instalação, de modo que sugere aos participantes uma introdução ao tema que será abordado.

Com estas ambientações, ressignificam-se os espaços dentro da universidade ao buscar elementos problematizadores que provoquem reflexões e críticas. Para Alvim (2013), estas Instalações são “ambiências compostas por elementos da realidade suscitadores de problematização e reflexão que





guarda semelhanças com uma instalação artística em sua dimensão estética”. Deste modo, as Instalações Artístico Pedagógicas se tornaram um ponto dinamizador entre o diálogo dos saberes científico e populares, e por isso são o campo fértil para a “ecologia de saberes”. Desde então busca-se o potencial arte-educativo das instalações com a aproximação, na sua dimensão estética, de uma obra de arte com caráter participativo.

Entende-se, à luz de Boaventura de Sousa Santos, estudado no processo de formação do TEIA, que há necessidade benéfica do confronto entre os diferentes saberes já que, ao se chocarem, se complementam e se acrescem mutuamente, conceito que o autor denomina “ecologia de saberes” em contraposição à “monocultura do saber científico”.

### **Quando entra em cena a vida... aí sim é arte!**

Como já foi dito, busca-se que toda a construção da Troca de Saberes seja realizada a partir das dimensões estéticas e lúdicas entendendo que estas podem romper barreiras criadas pelo acesso desigual da educação convencional. Contemplam uma multiplicidade de práticas pedagógicas que preferencialmente partam dos saberes e experiências dos envolvidos e não necessariamente de um padrão hierarquizado e hegemônico, como diz um dos coordenadores históricos da Troca, Willer Barbosa: “nossa regrinha de ouro - não se fala do que se fez, ouve-se o que interpretam do feito, reage-se e assim começa um diálogo mais profícuo e menos indutor”. Além disso, promovem a inter, multi e a transdisciplinaridade, ao que podemos nomear as dimensões da educação intercultural. Neste sentido, estratégias como o uso e o fazer de imagens, práticas corporais, orais ou quaisquer manifestações culturais, aliadas ao caráter participativo das práticas, potencializam a integração de diferentes classes, faixas etárias, múltiplas culturas e saberes. Compreende-se que no processo de formação através da/em/na/pela Arte e logo em suas manifestações artísticas, essas dimensões estão intrinsecamente relacionadas e, por isso, detém um papel de centralidade durante todo o evento processo.

Na Troca de Saberes a arte está presente em todos os momentos, desde a elaboração do espaço



físico em que se configura o evento com a construção da Aldeia de Bambu, passando pelas Instalações Artístico Pedagógicas, até os momentos das Culturais. Contempla também a Troquinha de Saberes, um espaço lúdico artístico, destinado à ArteEducação Ambiental para o público infantil e conduzido pelo projeto ‘Curupira: ArteEducação Ambiental’, do CTA-ZM. Os artistas populares se misturam aos grupos artístico-culturais que se formaram na vida universitária e também assumem papéis de destaque na apresentação do evento, nas mediações entre as atividades, na realização de performances, teatro, dança, artes gráficas, visuais, plásticas e música. É preciso ressaltar que a arte, em todas as suas manifestações, vem extrapolando o espaço delimitado da Cultural no decorrer das edições. Com isso, o fazer-fruir-apreciar arte vem ganhando visibilidade e aprofundamento como elemento de união, junção, composição da totalidade relacional intertotalidades e, por quê não, transição entre as diversas atividades propostas durante sua realização. A arte é um *locus* específico ao mesmo tempo em que globalizador, não apenas de passagem entre momentos da programação, mas de criação, produção, reflexão e crítica do processo de trabalho da Troca, em experiência.

Desde a configuração do Teia a partir de 2005, propõe-se a criação composição de uma cena artístico-poética desenvolvida por acadêmicos-artistas-pesquisadores-intérpretes da UFV. Neste ambiente de interações, desde 2012, essa cena procura dialogar com o tema central da Troca, buscando por meio da performance em arte (que alia dança, teatro, música, artesanato, artes ancestrais e a própria performance), um amálgama entre os diversos e diferentes saberes. Foi apresentado o Auto do Boi Envenenado, que trouxe para a cena uma arte que valoriza e respeita os saberes e valores ancestrais locais, ao mesmo tempo em que discutiu a luta contra o uso abusivo de agrotóxicos e a experiência com a Agroecologia.

No ano seguinte, 2013, realizou-se o casamento da Dona Ciência com a Mãe Terra, dando luz à Agroecologia e foi realizada uma caminhada-ciranda transversal no MataGao, que é uma área experimental de Agroecologia e Agricultura Orgânica, iniciando os diálogos sobre a grande rede de comunicação subterrânea, representada pelas Micorrizas. Surge, no contexto da Troca deste ano, o



Grupo Micorrizas, hoje descrito como grupo de estudos corporais integrais e integrados a agroecologia. Imersa nesta Teia, o Micorrizas anualmente tem proposto performances que se interligam ao contexto temático da Troca de Saberes. Em 2014 trabalhou-se com a construção do Labirinto configurando a estética em arte da cidade de Bambu e se interligando com a poética em cena das Micorrizas. A performance chamada Entre Sementes de Outras Eras, articulava as ressignificações e releituras presentes no tema da troca de 2014 *Saúdes, Sementes e Juventudes*, tendo como base estudos do Mito do Minotauro. O espaço físico vivenciado se interligava por caminhos que inspiraram o fruir da arte em um grande labirinto. No ano de 2015, a Troca traz como tema *Fazer Brotar da Terra o Florescer da Vida* e, na poética em cena, as Micorrizas propuseram a construção de um Sementério. Neste ano de 2016 os fios d'água teceram os diálogos da arte-educação agroecológica, em um entrelaçar das Micorrizas com o Grupo de Pesquisa em Dança Brasileira Contemporânea.

De uma maneira geral, em 2016, a Troca de Saberes pôde contar com grupos artísticos universitários como o grupo de Danças Brasileiras Micorrizas da UFV e do grupo Diversidarte da UFRRJ, além de apresentações de dança-teatro do Curupira. Das comunidades da região da Zona da Mata Mineira participaram grupos de tradições culturais, a saber: Calango de Araponga; Folia da de Reis de Acaiaca; Congado de Córrego do Meio e de Canaã; Grupo de Dança Afro Ganga Zumba de Ponte Nova; Grupo Beba do Samba de Viçosa; Jongo do Quilombo de Valença-RJ. Portanto, influenciados pela rede Comboio Sudeste de Agroecologia, esta última edição do evento contou com um número significativamente maior de expressões artísticas, integrando às apresentações de canto, teatro e dança; as expressões gráficas e digitais, mostrando o potencial artístico da comunicação. A união entre o que se produz na academia e os saberes da cultura popular se manifesta sem maniqueísmos.

Outros fragmentos artísticos do percurso advêm da prática artística denominada *registro gráfico* que vem se fortalecendo como arte e também na sistematização das informações. Esta se caracteriza pelo registro em tempo real do debate em determinado espaço e utiliza ilustrações, gráficos, símbolos,





fluxogramas ou qualquer processo que envolva a interpretação por meio da imagem o que revela outros olhares, outras reflexões e saberes. Tal prática tem o potencial de democratizar a relatoria, uma vez que está exposta em tempo real e permite a apropriação e a participação dos presentes. São superadas as limitações quanto a leitura, de entendimento quanto ao linguajar formal dos relatórios, ou ainda de acesso a tecnologias devido ao uso da imagem como registro da informação. O entendimento a partir de imagens é maior do que o da escrita. A feitura do painel de registro gráfico em conjunto com o debate, gera nos presentes a sensação de que se está sendo ouvido, portanto aumenta-se o engajamento de todos/as na resolução de um problema, ou mesmo na inserção dos/as envolvidos/as no diálogo. Além disso, é comum se interessar mais por ilustrações feitas à mão do que aquelas produzidas por máquinas. Logo, ter sua fala ilustrada simultaneamente traz motivação e interesse aos participantes, promovendo a leitura participativa das imagens.

O Repentistas do Desenho é um coletivo que se dedica à arte gráfica e comunicação, ao registro e facilitação gráfica, além de outras práticas como, identidades visuais, logotipos, mapas mentais, oficinas e vídeos. O coletivo se forma há pouco mais de um ano e tem participação ativa nas VII e VIII Troca de Saberes, sobretudo nesta última, com a realização de oficina de facilitação gráfica, feitura de painéis de registro gráfico, vídeo de divulgação e realização da logo do evento. O Repentistas do Desenho se formou dentro do movimento agroecológico com militantes que, eventualmente, assumiam as tarefas ligadas a artes gráficas. Seu nome foi dado durante um seminário para construção do Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica: um agricultor familiar presente no evento questionou aos ilustradores que faziam o painel de registro gráfico do espaço se estes já sabiam quais seriam as discussões porque desenhavam em tempo real. Quando foi respondido que eram pensadas no momento, ele disse: “Então vocês são repentistas, só que do desenho”.

Outras formas lúdicas de vídeos e fotografias aportaram na VIII Troca de Saberes e agregaram valor artístico ao processo de registro. Formas alternativas de registro de imagens e áudio foram utilizadas, fugindo do estilo convencional dos documentários e nas últimas edições grupos de



*midialivrisimo* também ocuparam espaços na Troca e promoveram oficinas e suas visões da cobertura do evento.

Cabe ressaltar que estes são grupos artísticos que se formam no rol universitário e que buscam releituras para a promoção de reflexões críticas a partir de vivências de troca de saberes com as comunidades da região e suas referências culturais. Além desses, desde 2015, outros grupos artísticos, como os já ressaltados anteriormente, tem dividido e trocado experiências neste espaço - gramado-escola aldeia de bambu - criado para romper com as barreiras e com os saberes aparentemente sedimentados.

### **Os saberes tradicionais e os saberes acadêmicos: via de mão dupla**

Neste contexto, a Troca de Saberes busca demonstrar novas possibilidades de revalorização e demonstração de conteúdos que são suprimidos pela cultura de massa comercial e focada apenas no consumo imediato e efêmero. É um evento que se coloca na contramão dessa cultura que reproduz e cria valores muitas vezes conflituosos com a formação social e econômica de seus receptores, mostrando práticas de consumo que fogem da realidade e vendendo-as como algo necessário, primordial e vital para sua construção identitária, sendo a mídia catalizadora desse tipo de comportamento. Cria-se assim, um espaço que fomenta a contradição e o questionamento profundo das relações sociais, econômicas e culturais-identitárias no contexto da extensão universitária.

Deste modo, a valorização do potencial criativo, orgânico e ancestral é representado pela presença de atividades socioculturais por meio da multiplicidade de manifestações artísticas e das referências culturais locais e regionais que permeiam o dia-a-dia do evento, de maneira livre, objetiva e subjetivamente.

Com a rota rural-urbana potencializada por uma dinâmica de interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, reconhece-se a capacidade de comunicação e de aproximação entre a comunidade acadêmica e rural/tradicional com seus ritos populares - suas referências culturais-, que há muito



tempo, salvo exceções foram subjugados e ignorados por essa academia que não representava (e não representa ainda) toda a complexidade da formação sociológica do povo mestiço brasileiro e suas individualidades e particularidades.

Com a Troca de Saberes esta relação inter e transdisciplinar têm sido cada vez mais amplificadas e a cultura popular adentra o espaço universitário que comumente subjuga, invisibiliza e/ou negligencia a sua importância, conferindo mais valor a outras estéticas, muitas vezes importada de modelos europeus. Essas ideologias de belo, sublime e atraente são heranças do nosso passado colonial, que mantém, com as oligarquias, os meios de produção cultural de massas, e uma visão folclorizada, deturpada e pouco reflexiva do que vem sendo a cultura popular em suas nuances. Sua marca está na oralidade, no saber da terra, na passagem de informações entre gerações de uma mesma família, de uma comunidade, de um local.

A união entre a cultura popular e todas as suas nuances é explicitada desde a concepção e organização da Troca, buscando na região da Zona da Mata mineira e outras regiões, grupos culturais que exerçam papel de agentes da arte e sua produção como elemento de análise, conhecimento e resistência a todos os tipos de influências do meio externo.

No caminho da ArteEducaçãoAgroecológica, é importante considerar a diversidade e complexidade das relações entre os fazeres e saberes. Bosi (1987, p. 07) afirma que

“não existe uma cultura brasileira homogênea, matriz dos nossos comportamentos e dos nossos discursos. Ao contrário: a admissão de seu caráter plural é um passo decisivo para compreendê-la como um efeito de sentido, resultado de um processo de múltiplas interações e oposições no tempo e no espaço”.

Deste modo, a valorização dos saberes passado de tradição em tradição, com suas marcas de oralidade e corporalidade - muitas vezes principais características - , podem traduzir e configura-se em novos espaços, ao mesmo tempo que criam dúvidas e reflexões a partir deles. Com isso, busca-se, não a estereotipia, mas sim a troca de saberes profundos como verdadeiras formas de expressão orgânica e complexa.



A cultura popular assume um local, não só de demonstração e menos ainda de objeto de estudo acadêmico, mas sim de representação das diversas identidades, dos diversos sujeitos na construção de suas histórias individuais e coletivas, de lutas e resistências com suas nuances, cores e realidades distintas.

Assim, é durante o tempo-espaço de dilatação para outros olhares, para a fuga dos produtivismos acadêmicos que esses saberes autônomos deixam as suas marcas e, principalmente, a esperança de algo mais orgânico tanto para estudantes e professores do mundo universitário quanto para as comunidades que participam da Troca de Saberes, vivenciam este novo espaço-tempo absorvidos por meio de seus protagonistas. Ambos assumem os papéis de autores-protagonistas, observadores e agentes de transformação desde sua concepção, até seu término, não apenas limitando-se a esse momento de passagem na Troca de Saberes, enquanto evento, mas sim como uma experiência constante da vida, uma forma de receptor e emitir sinais para um futuro mais orgânico, agroecológico e diverso. A Troca de Saberes, conferindo-lhe cada vez mais as dimensões estéticas e lúdicas da ArteEducaçãoAgroecológica é um local que aponta para um futuro utópico em que as barreiras entre conhecimentos populares e “avanços” da academia deixariam de existir, em que todas/os estivessem ali para ensinar e aprender, compreender, analisar e serem elementos de transformação em sua comunidade e em sua sociedade.

Com este sonho de transformação constante, entre particularidades e desafios, a Troca de Saberes, todos os anos busca ampliar e compreender a diversidade de singularidades que se configuram nesse espaço de liberdade que se propõem à organicidade, alteridade, livre participação e desenvolvimento.

### **Para não concluir: os saberes-fazeres da cultura Troca**

A Troca de Saberes tem o espaço de revalorização e demonstração de conteúdos que são suprimidos pela cultura de massa comercial e focada apenas no consumo imediato, efêmero e que



reproduz e cria valores muitas vezes conflituosos com a formação social e econômica de seus receptores. A valorização do potencial criativo orgânico e ancestral é representado pela presença de atividades socioculturais como Congado, Folia de Reis, entre outros e, por grupos de dança e teatro constituídos no meio universitário e que buscam suas temáticas de atuação na relação com os saberes populares e agroecológicos.

Desse modo, a cultura dentro e fora da Troca de Saberes se pauta na perspectiva de Cultura traçada por Gilberto Gil como dimensão simbólica da existência social brasileira, como eixo construtor da identidade brasileira e alimentada continuamente pelos encontros entre as múltiplas representações e da diversidade cultural. Cultura sob o ponto de vista da construção da cidadania, da superação da exclusão social e da desigualdade.

Tendo em mente essa perspectiva cultural, a produção artística criada pela comunidade, reunindo seus valores, sonhos, mitos, ideologias e relações interpessoais entre espaço e tempo é uma dimensão importante para e na Troca de Saberes, já que com variações diversas, ela é construída por meio de um conjunto de mecanismos muitas vezes subvertendo noções pré-concebidas e mantendo-se em profundo estado de transformações a cada momento e com diversas interpretações e significações de seu dispositivo de comunicação.

Deste modo, a Troca de Saberes é um importante espaço para os seres e fazeres artísticos daqueles que participam deste momento, já que os coloca em locais diferentes e com as suas diferenças, em uma zona de autonomia temporária que, durante sua duração, deixa suas marcas, toca as sensibilidades e toca os seres individual e coletivamente, para criar e fomentar também as dimensões política, econômica e sociais já que coloca os participantes em contato com seu próprio poder de transformação.

## **Referências bibliográficas**





ALVES, L.U.F; MÂNCIO, Antonio Bento; BARBOSA, W. B.; CARDOSO, I.; JUCKSCH, Ivo; COELHO, E. P.; SANTOS, M. L. (Orgs.). Troca de Saberes: Flores das Sombras da Agroecologia. 1a. ed. Viçosa MG: Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, 2011. v. 500. 143p

ALVIM, Mayara H. Instalações Pedagógicas: experimentos de um conceito em construção. (monografia). UFV, 2013.

BOSI, Alfredo. “Plural, mas não caótico”. In: BOSI, Alfredo. Cultura Brasileira. São Paulo: Editora Ática, 1987.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

GLIESSMAN, Stephen R. Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável. 4ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2009.

MANCIO, António Bento. Realidades vivas na vida de todos os homens e mulheres *in* ALVES, L.U.F; MÂNCIO, Antonio Bento; BARBOSA, W. B.; CARDOSO I.; JUCKSCH, Ivo; COELHO, E. P.; SANTOS, M. L. (Orgs.). Troca de Saberes: Flores das Sombras da Agroecologia. 1a. ed. Viçosa MG: Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, 2011. v. 500. 143p

SANTOS, Boaventura de S. A Universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade. Educação Sociedade & Cultura, n. 23, p. 137-202, 2005.